



**Filosofia Política,
Educação, Direito e
Sociedade 8**

**Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)**

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

Filosofia, Política, Educação, Direito e
Sociedade 8

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

F488 Filosofia, política, educação, direito e sociedade 8 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Filosofia, Política, Educação, Direito e Sociedade; v. 8)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7247-101-5

DOI 10.22533/at.ed.015190402

1. Ciências sociais. 2. Direito. 3. Educação. 4. Filosofia. 5. Política.
6. Sociedade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.

CDD 300.5

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Caros leitores,

Bem-vindos ao livro *Filosofia Política, Educação, Direito e Sociedade*.

Meu desejo é construir junto com vocês alguns modos de existência experiências filosóficas diversificadas e intensas!

O livro permitirá entrar no mundo fascinante em que o pensamento se pensa a si mesmo. Se vocês já têm contato com a reflexão filosófica, encontrarão aqui caminhos para ir mais longe.

Tudo neste livro foi elaborado com cuidado para oferecer possibilidades de compreender filosoficamente a nós mesmos, aos outros e ao mundo.

Os volumes abrem as portas da Filosofia aos que não a conhecem e convida os que já a conhecem a atravessá-las com olhar renovado com uma coleção de temas bastante significativos em nossa vida cotidiana e que aqui são tratados filosoficamente. Contribui para o estudo sistemático da história do pensamento filosófico seja individualmente, seja com seus companheiros de escola, vocês poderão ler este livro de maneira linear, quer dizer, indo do começo ao fim.

O livro contém ainda uma grande quantidade de textos além de recursos culturais (documentos científicos, filmes, obras literárias, pinturas, músicas etc.) dos quais nascem as reflexões aqui apresentadas ou que podem ser tomados como ocasião para continuar a filosofar.

O que proponho é que filosofemos juntos, quer dizer, que pratiquemos juntos atos filosóficos em torno de assuntos diversos, procurando desenvolver o hábito da Filosofia ou do filosofar. Vocês perceberão que a atividade filosófica vai muito além da formação escolar, porque envolve muitos senão todos aspectos da nossa vida. No entanto, a escola continua sendo um lugar privilegiado para praticar a Filosofia, pois nela temos a possibilidade de nos beneficiar da companhia de nossos professores, amigos, colegas e todos os membros que compõem o ambiente formativo.

Espero que vocês aproveitem ao máximo a minha proposta e tenham o desejo de ir além deste livro, encontrando os próprios filósofos e filósofas, obtendo muito prazer com a atividade de pensar sobre o próprio pensamento.

Toda filosofia é um combate. Sua arma? A razão. Seus inimigos? A tolice, o fanatismo, o obscurantismo. Seus aliados? As ciências. Seu objeto? O todo, com o homem dentro. Ou o homem, mas no todo. Sua finalidade? A sabedoria. Este livro é uma porta de entrada para a filosofia, permitindo ao leitor descobrir as obras para constituir futuramente sua própria antologia.

Com o objetivo de ampliar as discussões sobre as políticas públicas de educação no Brasil contemporâneo, com fundamentação histórica e filosófica, o projeto procurou possibilitar a reflexão sobre as formas de contribuição dos movimentos sociais para a sua ampliação, as lutas pelo reconhecimento da diversidade dos seus sujeitos, assim como levantar questões que condicionam as políticas de inclusão aos determinantes

econômicos.

Ciente da complexidade das discussões propostas nesta publicação, visamos agregar e divulgar para a comunidade acadêmica, profissionais da educação, representantes dos movimentos sociais e instituições interessadas no tema, algumas reflexões sobre as políticas públicas de educação implementadas no Brasil após a Constituição Federal de 1988 – Constituição Cidadã. Agradecemos a todos que contribuíram para esta publicação, principalmente aos autores que disponibilizaram artigos. Esperamos que este livro venha a ser um importante instrumento para os avanços na concretização das políticas de educação no Brasil contemporâneo.

Boa leitura!

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
ROUSSEAU, MUITO ALÉM DO CONTRATO Mirela Teresinha Bandeira Silva Moraes DOI 10.22533/at.ed.0151904021	
CAPÍTULO 2	11
A FLUIDEZ DO “FICAR” ADOLESCENTE: BREVE NOTA NA PÓS-MODERNIDADE Solange Aparecida de Souza Monteiro Karla Cristina Vicentini de Araujo Carina Dantas de Oliveira Hamilton Édio dos Santos Vieira Gabriella Rossetti Ferreira Paulo Rennes Marçal Ribeiro DOI 10.22533/at.ed.0151904022	
CAPÍTULO 3	18
O PODER, A VIOLÊNCIA E A CRISE DA POLÍTICA EM WALTER BENJAMIN Márcio Jarek DOI 10.22533/at.ed.0151904023	
CAPÍTULO 4	27
VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: A EDUCAÇÃO COMO PROCESSO DE HUMANIZAÇÃO Antonio José Araujo Lima Eliane Maria Nascimento de Carvalho Nilza Cleide Gama dos Reis Ronaldo Silva Júnior Welyza Carla da Anunciação Silva DOI 10.22533/at.ed.0151904024	
CAPÍTULO 5	34
VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E TERCEIRA IDADE João Manoel Borges de Oliveira Matheus Santos Medeiros Hugo Henrique Sousa de Lisboa Mariana Melo Mesquita de Siqueira Rener Rodrigo Pires Talita Neri Caetano de Oliveira DOI 10.22533/at.ed.0151904025	
CAPÍTULO 6	45
PARADIGMAS DA ESTRUTURAÇÃO FAMILIAR NO DESENVOLVIMENTO EPISTEMOFÍLICO INFANTIL Aline Aires da Costa Giovani Zago Borges Veruska Vitorazi Bevilacqua DOI 10.22533/at.ed.0151904026	

CAPÍTULO 7 52

PROTAGONISMO RESPONSÁVEL: A LÓGICA DO DEVER NA CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA, DO
PROFISSIONALISMO E DA LIDERANÇA

[Wílian Mauri Friedrich Neu](#)

DOI 10.22533/at.ed.0151904027

CAPÍTULO 8 62

SIGNO VERBAL E LUTA DE CLASSES: A ARENA DISCURSIVA DE TRÊS POSIÇÕES AXIOLÓGICAS
SOBRE O CORTE DE GASTOS NO GOVERNO TEMER

[José Ronaldo Ribeiro da Silva](#)

[Juliane Vargas](#)

[Carlos Sergio Rodrigues da Silva](#)

DOI 10.22533/at.ed.0151904028

CAPÍTULO 9 74

TEIAS DE DIÁLOGOS FEMININOS. A GRAPHIC NOVEL “BORDADOS” E A UTILIZAÇÃO DE TEXTOS
MULTIMODAIS PARA UM ENSINO PROCESSUAL: DA ESCRITA À PRÁTICA SOCIAL

[Regimário Costa Moura](#)

[Felipe Marinho da Silva Neto](#)

DOI 10.22533/at.ed.0151904029

CAPÍTULO 10 87

PROPOSIÇÕES ÉTICAS E ESTÉTICAS PARA UMA EDUCAÇÃO COMPROMETIDA COM A CRIANÇA
EM SITUAÇÃO DE RISCO, VULNERABILIDADE E INVISIBILIDADE SOCIAL

[Maria Aparecida Camarano Martins](#)

[Joelma Carvalho Vilar](#)

[Sheyla Gomes de Almeida](#)

DOI 10.22533/at.ed.01519040210

CAPÍTULO 11 93

PROPOSTA INVESTIGATIVA DE CRIAÇÃO DE INSTRUMENTO AUXILIADOR DA APRENDIZAGEM

[Made Júnior Miranda](#)

DOI 10.22533/at.ed.01519040211

CAPÍTULO 12 106

OS JOGOS EDUCATIVOS COMO FERRAMENTA DO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM
NA ENFERMAGEM: RELATO DE EXPERIÊNCIA

[Fillipi André dos Santos Silva](#)

[Sheila Saint Clair da Silva Teodósio](#)

[Soraya Maria de Medeiros](#)

[Ana Elisa Pereira Chaves](#)

DOI 10.22533/at.ed.01519040212

CAPÍTULO 13 112

OS RUMOS DA PESQUISA EM EDUCAÇÃO NO BRASIL: UM ESTUDO SOBRE O EHPS

[David Budeus Franco](#)

DOI 10.22533/at.ed.01519040213

CAPÍTULO 14	118
PLANEJAMENTO DA AÇÃO DIDÁTICA: IMPORTÂNCIA DA ORGANIZAÇÃO DA ROTINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Maria Karoline Nóbrega Souto Dantas Lucivânia Maria Cavalcanti Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.01519040214	
CAPÍTULO 15	125
PROGRAMA NACIONAL DE ACESSO AO ENSINO TÉCNICO E AO EMPREGO–PRONATEC: A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO SOBRE CURSOS TÉCNICOS DE NÍVEL MÉDIO EM ENFERMAGEM	
Maria José Fernandes Torres Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares Fábio Alexandre Araújo dos Santos Ana Lúcia Sarmento Henrique Ilane Ferreira Cavalcante	
DOI 10.22533/at.ed.01519040215	
CAPÍTULO 16	138
REFLEXÕES ACERCA DA (IN) VISIBILIDADE DA CRIANÇA NA TRANSIÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O ENSINO FUNDAMENTAL	
Marcia Cristina Argenti Perez Estefânia Coelho Chicarelli	
DOI 10.22533/at.ed.01519040216	
CAPÍTULO 17	148
AGREGANDO SABOR AO TRABALHO DO MOVIMENTO CAMPONÊS: EMPREGO DO EXTRATO DE SEMENTE DE MORINGA NA TECNOLOGIA DE DERIVADOS LÁCTEOS FERMENTADOS	
Jaqueline Vaz da Silva Thyago Leal Calvo Ed Carlo Rosa Paiva Jupyraryara Jandyra de Carvalho Barros	
DOI 10.22533/at.ed.01519040217	
CAPÍTULO 18	154
PENSAR, MOTIVAR E CRIAR COM A DIFERENÇA: CINEMA, ESCOLA E ALTERIDADE	
Andréa Casadonte Carneiro Leão	
DOI 10.22533/at.ed.01519040218	
CAPÍTULO 19	162
PINTAR, DESENHAR, “ARTESANAR”: O ARTESANATO COMO PRODUÇÃO SIMBÓLICA ESTÉTICA DA LEITURA DO MUNDO POR CRIANÇAS	
Franciane Sousa Ladeira Aires	
DOI 10.22533/at.ed.01519040219	
CAPÍTULO 20	177
PROMOVENDO A ACESSIBILIDADE NO IMEPAC: AÇÕES COTIDIANAS FACILITADORAS DA CONVIVÊNCIA E COM RESPEITO AOS DIREITOS HUMANOS	
Ana Lúcia Costa e Silva Laurice Mendonça da Silveira	
DOI 10.22533/at.ed.01519040220	

CAPÍTULO 21	185
PESQUISA E PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NO SERVIÇO SOCIAL NOS ANOS 2000	
Jéssica Pereira Cosmo da Silva	
Bernadete de Lourdes Figueiredo de Almeida	
Lucicleide Cândido dos Santos	
Ângela Kaline da Silva Santos	
Larissa dos Santos Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.01519040221	
CAPÍTULO 22	194
OBJOR-MT - OBSERVATÓRIO DA ÉTICA JORNALÍSTICA EM MATO GROSSO: LEITURAS DE MUNDO, EDUCAÇÃO PARA AS MÍDIAS E DEONTOLOGIA JORNALÍSTICA	
Rafael Rodrigues Lourenço Marques	
Gibran Luis Lachowski	
Débora Muller Padilha	
DOI 10.22533/at.ed.01519040222	
CAPÍTULO 23	207
A INFLUÊNCIA DA SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA E DA EDUCAÇÃO SOCIAL NOS ESTUDOS SOBRE BRINQUEDOTECAS EM DIFERENTES CONTEXTOS: PERSPECTIVAS CONTEMPORÂNEAS NA FORMAÇÃO DO EDUCADOR	
Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula	
DOI 10.22533/at.ed.01519040223	
CAPÍTULO 24	215
A QUESTÃO DO DISCURSO OFICIAL SOBRE A PROPOSTA DE ENSINO DA LEITURA E DA ESCRITA INFANTIL NO BRASIL (2000-2010)	
Vanildo Stieg	
Regina Godinho de Alcântara	
DOI 10.22533/at.ed.01519040224	
SOBRE A ORGANIZADORA.....	232

PROTAGONISMO RESPONSÁVEL: A LÓGICA DO DEVER NA CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA, DO PROFISSIONALISMO E DA LIDERANÇA

Wilian Mauri Friedrich Neu

Antonio Meneghetti Faculdade - AMF

Agudo – Rio Grande Do Sul

support a reformulation of what is necessary for the future of young people.

KEYWORDS: Crisis in education, Ontopsychology, Philosophy

RESUMO: O presente estudo visa elucidar as principais razões que originam a problemática educacional na contemporaneidade. Para isso, analisar-se-á o sistema de educação e suas peculiaridades sob uma perspectiva das “*intencionalidades*” teóricas-filosóficas de alguns pensadores, bem como sob à ótica de como a educação deve (deveria) ser *pensada* para o indivíduo em sociedade. Far-se-á, com isso, um breve paralelo entre *intenção-teórica* de alguns pensadores a respeito do sistema educacional, ainda que o trabalho, em si, não tenha por objetivo comparar seus respectivos pensamentos, para que, por fim, seja possível apontar mudanças necessárias para o avanço social no campo da educação.

PALAVRAS-CHAVE: Crise na educação, Ontopsicologia, Filosofia.

ABSTRACT: With the current educational problems, coming from a system that annihilates and limits the perception of the young person as autonomous of their nature project, education will be analyzed, based on different historical contexts, bringing a conceptual reference of aspects of Ontopsychological Pedagogy to

1 | INTRODUÇÃO

A educação, ao longo da história da humanidade, sempre refletiu uma preocupação social, especialmente por seu um aspecto basilar de qualquer sociedade. A sistemática educacional contemporânea revela-se sob um mecanismo distorcido no que tange a formação do jovem. O indivíduo cada vez mais passa a ser *pensado* de forma geral, coletiva, quando, ao contrário, deveria ser *compreendido* como potencialidade individual. Assim, tem-se aqui uma missão de se pensar os motivos que dão origem a tal problemática, bem como, o de desvelar soluções possíveis para a pedagogia.

Neste norte, este trabalho aprofunda-se no modo de como *formar* o homem atual, correlacionando-o, em aspectos gerais, com a formação dada ao indivíduo no período da Grécia Antiga, formação esta denominada *Paidéia Grega*, na qual se buscava ensinar o homem como *ser virtuoso e produtivo* para com os seus semelhantes.

Além disto, buscar-se-á, através do presente estudo, elucidar-se aspectos que

formam o homem íntegro e verdadeiro com seu escopo natural, questões estas que não são abordadas na atual conjuntura do sistema educacional.

Salienta-se, oportunamente, que ainda que o presente estudo elenque aspectos de *intencionalidade* semelhantes no âmbito educacional de cada pensador, nos seus respectivos contextos, o trabalho, em si, não terá por propósito comparar teorias, porquanto, obviamente, extrapolam os limites do presente estudo.

Com efeito, é inegável que, seja para os pensadores gregos, seja para os atuais, um dos principais, senão o mais importante pressuposto de desenvolvimento individual do homem, é a própria *autonomia (autossustento)*, aqui falado em sentido *lato sensu*, como, por exemplo, a base afetiva, a financeira, a burocrática, entre outros, que é condição de possibilidade ao jovem que busca *liberdade e autonomia* de ação, que busca conquistar, que busca crescer, ou seja, que possui o desejo interior de conseguir algo para seu progresso individual, que, como consequência natural, trará benefícios no âmbito social.

Ainda, será brevemente trabalhado no presente a questão dos *estereótipos*, que na antiga Grécia, similarmente, eram denominados pela palavra *mentira*, que significa, em si: ato ou efeito de enganar, falsidade, fraude. Obviamente que há peculiares diferenças entre o “*estereótipo*” e a “*mentira*”, que aqui não serão detidamente trabalhadas, embora, em ambas, um dos efeitos possíveis é o *mesmo*, o engano existencial que leva o indivíduo ao erro.

Para isso, será necessário verificar-se como se dá a atual sistemática educacional, sua estrutura basilar, seus objetivos, suas deficiências, de modo a possibilitar uma análise para com os períodos históricos delimitados que ilustram, ou, no mínimo, *intencionam*, uma eventual solução para a formação individual do jovem.

Com efeito, o *pensar* aqui trabalhado, demonstra-se de forma clarividente de que hoje só se *pensa* o já *pensado* e o já *pensado* é só o que se pode *pensar*. Deste modo, o presente estudo não seguirá, em sua formalidade, o *método-de-cientificidade*, pois, não há necessidade de racionalizar-metodologicamente o *pensar*, fazendo-o de forma matemática, na medida em que, fazendo-o, no máximo, estar-se-ia tão somente a testemunhar o pensamento de alguém.

Ainda, há, mesmo que de modo simplificado, aspectos do *pensar* de alguns pensadores, que, de certo modo, exprimem uma *intenção* de solução na formação do jovem, que serão analisados no que se refere ao presente tema, a fim de se chegar a uma posição referente à crise atual da educação.

Por fim, o presente trabalho, após toda análise sobre a questão da educação, apontará, ainda que resumidamente, sugestões de mudança no campo educacional, para que o indivíduo tenha possibilidade de alcançar sua potencialidade natural e, conseqüentemente, desenvolver-se de modo integral.

2 | OBJETIVO DA PESQUISA

Avaliar os principais motivos que originam a problemática da educação contemporânea, verificando-se suas peculiaridades e, também, analisando-a sob a perspectiva das “*intencionalidades*” teóricas-filosóficas de alguns pensadores, de como a educação deve (deveria) ser *pensada* para o indivíduo na sociedade. Neste sentido, buscar-se-á fazer um paralelo entre *intenção-teórica* de alguns pensadores a respeito do sistema educacional, ainda que o presente não tenha por objetivo comparar seus respectivos pensamentos em si, para, por fim, podermos apontar mudanças necessárias para o avanço social no campo da educação.

3 | CRISE EDUCACIONAL E O PROBLEMA DA PERCEPÇÃO DA CONFORMIDADE INDIVIDUAL

A problemática da educação na sociedade atual passa pela forma sistematizada-metodológica de transferir conteúdos para os alunos, ou seja, aprende-se *escolaridade*, matérias básicas, que não formam o aluno enquanto *pessoa*, como responsável pela sua vida. Faz-se necessária uma reformulação no âmbito educacional, de modo que, todos os partícipes, sobretudo os jovens, voltassem sua preocupação para sua autêntica capacidade interior.

O que se está a denunciar é que hoje, solidifica-se o *pensar* do homem ao *testemunho* de algo já dito, ou seja, já *pensado*. Pode-se dizer tudo, desde que o tudo, em algum momento já tenha sido dito.

Heidegger (2008, p. 23), no seu *pensar*, já alertava:

Uma tal transformação não chega certamente à origem, mas se aproxima, uma vez mais, de sua proximidade. Porque somos, desde muito tempo, constringidos a procurar nosso conhecimento mediante um processo de seleção com base no excesso falado e escrito, perdemos a capacidade de ouvir poucas coisas simples.

O filósofo alemão justifica este fenômeno metodológico-racional como uma forma de justificar a existência da “*Filosofia*” em face das ciências, a fim de elevá-la a uma “*Ciência*”. É um temor pela falta de prestígio e importância. O não ser ciência é, modernamente, considerado uma deficiência de cientificidade. “*Este empenho, porém, é o abandono da essência do pensar*”. (FRIAS, 2005, p. 10).

O *pensar*, portanto, está cada vez mais compelido ao *pensar* já *pensado*. Pode-se dizer tudo, desde que esse tudo já tenha sido dito para que, matematicamente, possa ser justificado. Aliás, uma das grandes características da filosofia antiga (principalmente a filosofia Grega), era a de que não havia nenhuma preocupação dos discípulos distinguir seus *pensamentos*, do *pensado* de seus mestres, misturava-se, subtraía-se, acrescentava-se de modo livre. Afinal, o importante era *pensar*, não tão somente replicar o já *pensado* como comumente fazemos. (SPINELLI, 2012, p. 241).

Será que aprender física, matemática, português, biologia, química e as demais

matérias serão úteis para *todos* os jovens que estão cursando o ensino fundamental ou médio, de forma igualitária? Afinal, o que de fato é importante? Para responder essa pergunta, é necessário compreender o que *impulsiona* (aquilo que convém) cada individualização. Não é que os estereótipos, em si, sejam o problema, pois neles há a neutralidade de que dependerá da ação da individualização. Veja-se, por exemplo, que a “*mentira*”, como estereótipo, possui uma faculdade de *beneficidade* ou *inconveniência*. Para ilustrar, dita-se a seguinte hipótese: “vivemos no período da segunda grande guerra mundial, em uma pequena cidade alemã. Em nossa residência, há judeus, trancafiados no porão, mas não com a finalidade de prendê-los, mas, ao contrário, para salvá-los. Os soldados nazistas chegam ao vilarejo, batem na porta de nossa morada e questionam: ‘*Gibt es Juden hier oder nicht*’ (*Há judeus aqui ou não*)? Respondemos, portanto, *a verdade*, e os judeus são levados e, muito provavelmente, seriam mortos nos campos de concentração, ou, escolhemos *a mentira*, como um mecanismo de *beneficidade* para vida, para *salvá-los*.”

Por certo, que, após este exemplo, tem-se por difícil compreender, dentro dos estereótipos, aquilo que lhe convém ou não. Evidentemente que o convir-lhe é pessoal, parte da própria individualização. Assim, não necessariamente aquilo que serve para um servirá para outro.

Por outro lado, vive-se intensamente um consumismo excarcerado. O jovem, assim, está condicionado a um *querer* adquirir, possuir, pois também isto é um sinônimo de *status*. Falta-lhes a preocupação com o que de fato tende a *ser* por *natureza*, e neste sentido, paga-se com vida, com suas vidas. Vidor exprime esta fenomenologia de forma solene:

Os jovens, por leis e imposição social, estão confinados a aprender na escola o que os adultos transmitem, falando de cultura e das opiniões. O jovem sente e começa a perceber que o entulho de informações dado à consciência pouco ajuda na construção da competência que realize a própria pessoa e lhe dê o ganho necessário para prover sua vida e tornar-se autônomo. Ele intui que aprende-se mais e melhor mediante o fazer, o agir, o produzir. (VIDOR, 2015, p. 78).

Ainda, percebe-se, claramente, um Estado (referindo-se ao Brasil), que condiciona o sistema educacional a um mecanismo assistencialista (ainda que, por si, o assistencialismo como estereótipo exprime neutralidade). O fato é que o jovem, de modo geral, aprende desde muito cedo a somente receber. Espera-se da política contribuições para com suas vidas: “*esperam ganhar esmola*” do governo, bolsas e benefícios. Todavia, não raras vezes não há uma contraprestação para uma eventual benesse. O efeito do que se está a denunciar é que se aprende a *ganhar*, quando, na verdade, o estímulo deveria ser para *conquistar, criar, agir* ao encontro da autonomia.

Ressalta-se, aqui, que há algumas políticas que facilitam aos jovens de baixa renda ingressar no ensino superior ou técnico-profissionalizante, *por seus méritos*, através das melhores notas, o que difere da situação anteriormente elencada e que, obviamente, é um incentivo ao indivíduo que busca pela sua autonomia.

Há, todavia, em virtude dos benefícios assistencialistas concedidos à população,

uma questão existencial tendencial ao comodismo, no qual o indivíduo, como característica, passa a sempre exigir: “*Eu quero saúde, eu quero educação, eu quero bolsas, é meu direito, etc.*”. É, contudo, uma aniquilação à própria potencialidade de conquistar a própria autonomia.

E como mudar o atual cenário? A resposta para esta questão está ligada diretamente a uma nova forma de *pensar* a vida, Antonio Meneghetti, em seu *pensar*, explica que:

É suficiente observar esse critério para ver aonde vai, aonde quer ir. E nós devemos procurar ajudá-lo, conviver com ele, porque depois a natureza faz tudo sozinha, é fruto de uma inteligência eterna, extraordinária, que sempre nos maravilha. Eu, indivíduo homem, não pretendo conhecer toda a natureza, todo o mundo, mas sem dúvida, com o critério descoberto do Em si Ôntico, sei quem sou e o que devo fazer, o que devo metabolizar, aonde devo ir, sei por que, me sinto em casa. A natureza me é íntima através desse critério isolado, verificado, reconhecido e seguido. (MENEGETTI, 2015, p. 45/46).

Dentro de uma análise histórica da problemática, Sócrates expressava tal preocupação com o modo de *pensar* dos jovens, ensinando-os, através da maiêutica, a racionalizar os fatos sociais da época, às verdades tidas como absolutas, especialmente de fundamentação mística (*mhytos*), para que o indivíduo pudesse compreender, sobretudo, *a si mesmo*. Acreditava, portanto, que o indivíduo possuía uma peculiar característica, uma espécie de “*tendência natural*” que o fazia único, diferente dos demais, e que quando o homem alcança a elevação da *alma*, tem-se a ideia do *bem*, e conseqüentemente, a evolução pessoal e a contribuição social. Marcondes elucida:

Sócrates considerava a filosofia como um método de reflexão que levaria o indivíduo a uma melhor compreensão de si mesmo, de sua experiência e da realidade que o cerca, passando por um processo de transformação intelectual e de revisão e reavaliação de suas crenças e valores. (MARCONDES, 2015 p.56/57).

Neste ponto, Meneghetti (2015, p.15) aprofunda que para formalizar uma educação que seja *conforme* ao jovem, faz-se necessário “*extrair o homo civis, o homem cidadão, do potencial humano. Então humano, é como a natureza, a vida específica os indivíduos, isto é, ninguém se fez sozinho, todos viemos de um projeto universal.*”

Portanto, tem-se que a educação deve debruçar-se sobre o indivíduo, único, exclusivo, isto é, fazer pedagogia pensando na individualidade, ou seja, deve preocupar-se com o *jovem* enquanto ser único, responsável e *intencionado* por uma potencialidade *natural*. Para que isso seja possível, faz-se necessário uma compreensão do educador, uma sensibilidade superior em auxiliar a extrair o melhor de cada jovem, naturalmente, de acordo com cada especificidade.

Platão remotamente já vislumbrava a sociedade pensada como “ideal”, distribuída de acordo com a *natureza* individual de cada homem, classificando, portanto, os cidadãos em espécies de classes, sendo elas, em *profissionais*, *autoridade* sou *guardas*. Platão acreditava, portanto, que o indivíduo possui uma *tendência* ou *intencionalidade* que é intrínseca ao *ser*, apenas precisando ser descoberta. “*O estado ideal para Platão é*

aquele onde prevalece o princípio da distribuição do trabalho, segundo o qual cada cidadão faz o trabalho que mais se adapta à sua natureza.”(JAEGER, 1990, p. 26).

Na obra, *A República*, Platão faz uma diferenciação da especificidade do indivíduo, de acordo com a manifestação do caráter *psico-espiritual* de um tipo de *alma*. Faz, deste modo, a distinção das três espécies de *alma*, *irascível*, *desejante e racional*, sendo que, de acordo com a *alma* do indivíduo, este é, segundo sua natureza, destinado a uma posição social que corresponda à parte mais desenvolvida de sua *alma*.

Ainda sobre a obra *A República*, Platão, em determinado momento, ressalta a importância de censurar o pensar dos poetas que, por ele, considerava como “*falácia*”, “*mentira*”. Entretanto, conforme mencionado, não há necessidade de vedar o *pensar* de alguém, de ideologias, de culturas, etc., posto que seria utópico acreditar em tal possibilidade. A cada situação, deve-se buscar agir de acordo com a *pulsão* individual que motoriza o jovem. Esse agir corresponde naturalmente à sua própria *intencionalidade*.

O pensador grego dizia, ainda, que a vontade humana é livre, fazendo com que o ser humano seja capaz de agir de acordo com suas vontades. Assim, acredita firmemente que somos responsáveis pelos nossos atos, ou seja, o êxito e o fracasso são, além de ser de responsabilidade do próprio indivíduo, é também uma mera consequência do seu agir, na medida em que toma uma decisão certa (em conformidade com nossa potencialidade) ou errada (que contraria nossa intimidade naturística).

Percebe-se, portanto, que há uma natural conclusão, pelos pensadores aqui abordados, de que a educação passa (*deveria*) pela busca do conhecimento da própria individualidade. Interessante notar-se que a forma de ensinar é justamente abarcada de modo diverso pelas instituições atualmente, na medida em que se prioriza uma “*educação em massa*”, “*generalizada*”, na qual não se observa as individualidades (no sentido de especificidade do indivíduo).

Nota-se que desde sempre somos mergulhados na tentativa de manipulação geral. Seja pelo viés político, econômico, cultural ou qualquer outro. Veja-se a narrativa fática descrita por Platão, na obra *A Apologia de Sócrates*, quando relata as acusações proferidas por Meleto ao seu mestre Sócrates, as quais se davam, supostamente, pelas orientações de Homero, o qual se utilizava da poesia como mecanismo de manipulação da verdade, com o objetivo de tornar real a derrocada do *pensar* de Sócrates, dada sua influência no pensar dos jovens à época.

Obviamente que cada vez mais o jovem é contaminado por informações tendenciosas com o fito de ser manipulado. Há uma aniquilação do *pensar*. A liberdade do *pensar* aqui denunciada está diretamente ligada à forma pela qual tudo que se faz, deve-se comprovar “*cientificadamente*”, através do *pensar* passado. Pensa-se sim, mas o velho.

Noutro giro, há de se dizer, ainda, que atualmente o indivíduo, principalmente o jovem, sofre com profunda influência midiática. Tem-se como efeito natural das mídias

no *pensar* do jovem a obsessividade pelo consumismo, pelo sexo, pela violência, enfim. É uma forma de conduzir o *pensar* societário por questões ideológicas. Vidor explica que:

O noticiário sempre está recheado de violência, crimes, mortes e isso tende a paralisar a iniciativa, a criatividade, porque insemina um medo impotente que não ajuda a resolver a situação social vigente. A mídia, enquanto salienta apenas as feridas sociais, não contribui com as propostas criativas de auxílio ao bem comum e intimida quem busca crescer e força os indivíduos a resignar-se a uma acomodação social sem perspectiva evolutiva. (ABO, 2015, p.80).

Percebe-se que tal problemática da sistemática educacional percorre longo período na história da humanidade. Talvez o principal problema seja o fato de que não compreendemos o jovem enquanto *individualidade* dentro do sistema. Há uma *especificidade* que é própria de cada um. Meneghetti denuncia, ao falar em pedagogia, que há um critério objetivo que deve orientar a ação educativa:

Nós devemos chegar a compreender que existe este critério, que é o instinto de natureza, o instinto egoístico, o instinto de identidade e que depois esta identidade assimila, absorve conforme a sua identidade. Eu absorvo o vento, o sol, a água segundo a minha subjetiva identidade. Esta identidade é um modo da natureza?. (MENEGETTI, 2015, p.25).

Na medida em que o indivíduo descobre sua *intencionalidade* de ser, e, coerentemente, segue uma formação sem desvios, tem-se a possibilidade de se alcançar sua *autenticidade* de projeção *vital*. É, portanto, pressuposto para o prazer da mais genuína realização pessoal e, conseqüentemente, tal fenômeno, naturalmente, servirá como contribuição social.

O conhecer-se, naturalmente, está ligado ao experimentar-se. Não há outro caminho de se vislumbrar a real impulsão individual se não nos confrontarmos com as mais diversas atividades. O entender-se passa pelo sentir se há algo que lhe agrada ou não. Por isso, o jovem, no início de sua trajetória, deve procurar experimentar várias tipologias de trabalho, seja garçom, jardineiro, pedreiro, cozinheiro, enfim. Deve-se mergulhar na pesquisa de si mesmo. É uma forma de “*refletir todas as informações dadas pelo organismo, porque a alma usa o corpo todo para escrever suas informações e ampliar, modificar ou aperfeiçoar o conhecimento consciente*”. (VIDOR, 2015, p. 8).

O caminhar-se para o encontro da especificidade depende de um pressuposto de possibilidade, que é a própria *liberdade*. Não há como se fazer o que lhe convém (aqui referindo-se à intencionalidade natural), se o indivíduo está “preso”, “amarrado” ao Estado, à família, à religião, enfim. A dependência (a terceiros) aniquila a liberdade de se agir, de se experimentar enquanto indivíduo. Portanto, aos poucos, deve-se buscar uma posição de autossustento, de autonomia, como forma de garantir a liberdade para alçar voos ao horizonte da *especificidade* da própria individualidade. É necessário atentar-se para essa autonomia, seja no âmbito econômico, afetivo, político, etc.

A autonomia, como condição de possibilidade aqui denunciada, pode ser conjecturada com um simples exemplo. Veja-se que um leão, ao nascer, ou qualquer

outro animal, é, primeiramente, alimentado para que obtenha seu desenvolvimento inicial, até que possa caminhar e minimamente sustentar-se; tão logo o animal atinja tal condição de autonomia, não mais recebe alimento, necessitando, portanto, *aprender* a buscar seu próprio alimento, bem como a garantir sua proteção, ou seja, é condição intrínseca de vida, de sobrevivência. O sobrevivente é aquele que aprende a conquistar, a vencer. É a lógica imposta pela própria natureza.

Agora, perceba-se que este mesmo leão, caso seja retirado e levado para um ambiente onde é domesticado, alimentado sem que seja necessário caçar (um circo, por exemplo), e depois, devolvido para seu habitat natural, tem-se logicamente que esse animal, após ser adestrado, não conseguiria mais sobreviver sozinho, na medida em que perdeu o seu próprio *potencial natural* de sobrevivência, aprendeu simplesmente a ganhar e deixou de aprender o “*conquistar*” (obviamente que hoje já há técnicas que trabalham a readaptação de animais nestas condições, de modo a possibilitá-los retornar para seu habitat. Ainda assim, já não o fazem por si mesmo, são treinados para tal).

Seguindo o mesmo exemplo, vive-se comumente em uma sociedade que nos castra, que é assistencialista, que inibe o conquistador em cada um de nós. Aprende-se desde muito cedo a exigir tudo, do governo, dos pais, dos professores, da sociedade, mas o que nós buscamos, conquistamos sozinhos? Vidor, neste sentido, explana que:

A criança, desde cedo, se esmera em assimilar qualquer elemento novo que aumente sua capacidade, porém se encontra um conjunto legal e bloqueia sua ambição, acontece que a força impedida toma o caminho da forma inversa: o jovem usa agressão, procura extorquir ganhos sem nada produzir, provoca caos social e, desiludido, recorre ao uso da droga”. (ABO, 2015, p.79).

Contudo, ao indivíduo cabe-lhe a missão de buscar, constantemente e continuamente, *a si mesmo*. Ao jovem, é importante saber que se deve começar verdadeiro, deve-se purificar aquilo que a história e a sociedade atribuem-lhe, eliminando e distanciando-se de modelos de vida que não dão conformidade a própria especificidade da sua individualidade. Meneghetti, neste ponto, expressa que:

A situação não mudará se não se desperta o genuíno capital da inteligência nativa. Com isso quero dizer que os jovens, por exemplo, na Itália, estão ainda dentro de uma “matusalenia” que “embrulhou”, que ofuscou um pouco o nativo gênio italiano. Os jovens devem começar verdadeiramente desde o início. Devem eliminar todas as ideias “matusalêmicas”, distanciar-se de todos os egossistemas dos diversos partidos e sair da memética, que fará determinados estereótipos em suas consciências”. (MENEGHETTI, 2013, p. 133).

Por fim, deve-se compreender que há um critério existencial, próprio e individual, que dá a *intencionalidade* da qual o jovem extrai o melhor de si. Depois, fazendo-o, construindo-se, tem-se a plenitude do próprio prazer de existir. É, efetivamente, uma eterna construção de si mesmo em contínua observância do íntimo.

4 | CONCLUSÃO

Ao longo da história da humanidade, em vários momentos teve-se a preocupação de como se deve fazer pedagogia ao jovem, como se deve ensiná-lo, desenvolvê-lo. Tal preocupação se dá justamente pela consequência natural de uma *não-educação* ao indivíduo. Em todo caso, é uma questão social que deve ser instituída na *individualidade* do homem.

Todo o *pensar* dos pensadores, mencionado neste trabalho, não deve ser analisado como uma forma de comparação de teorias, mas sim, por outro lado, sob uma ótica de similaridades (ainda que haja diferenças) no que tange o ponto central, ou referencial do critério que faz com que o jovem alcance sua especificidade natural.

A comprovação mais sólida da preocupação da filosofia grega com a educação está cristalizada no *Mito da Caverna* de Platão, no qual percebe-se uma profunda preocupação do filósofo (preocupação que possivelmente retrata influência de seu mestre Sócrates), com a problemática pedagógica de seu período histórico. Marcondes (2015, p.67) conjectura que:

Platão descreve a chamada dialética descendente, a volta à caverna, contrapondo da parte inicial, a dialética ascendente, em que o prisioneiro sai da caverna para a região superior. Podemos nos perguntar: porque o prisioneiro deve voltar à caverna? Platão caracteriza com isso a missão política-pedagógica do filósofo, que, não contentando-se em atingir o saber, deve procurar mostrar a seus antigos companheiros na caverna a existência da realidade superior, bem como motivá-los a percorrer o caminho até ela, mesmo que corra o risco de ser incompreendido e até assassinado, uma clara alusão ao julgamento de Sócrates”.

Há de todo modo uma convergência dos pensadores aqui abordados de que há algo, visto como *ordem natural individual*, que é intrínseco ao homem. O jovem é, portanto, individualidade com potencial exclusivo, ou seja, deve ser pensado como potencialidade de acordo com sua especificidade.

O sistema educacional, de modo geral, deve atender-se para esta questão. O desenvolvimento do jovem deve ultrapassar a mera política assistencialista que dá, mas não ensinar a conquistar. Aliás, diga-se que assistencialismo não se confunde com incentivo.

O jovem deve ganhar o seu próprio protagonismo sozinho, é preciso que conquiste, que experimente, que crie sua autonomia, sua liberdade, como pressuposto de para alcançar aquilo que, no seu íntimo, agrada-lhe. A gratuidade do ganhar, se comumente presente no seu *pensar*, aniquila a força do *criar*, do *construir* e do *conquistar*. É necessário enfrentar alguns sacrifícios para conquistar a grandeza de ser jovem autêntico com o seu real potencial natural.

Contudo, esta mudança de *mentalidade* é possível, deve ser ensinada e, acima de tudo, precisa ser *pensada* como uma via alternativa para que o jovem possa escolher o caminho que deseja trilhar, em conformidade com sua especificidade. Deve haver, pelo indivíduo, uma preocupação constante com os desvios, com a mídia, e demais ideologias, na medida em que deve atender sempre a *intencionalidade íntima*

e não o que lhe é imposto externamente. Meneghetti (2013, p. 136) elucida: “*Portanto, cada um deve antes chegar à fonte da própria vida em si mesmo e depois fazer a sua contribuição no mundo em que lhe é consentido, porque a sociedade, com todos os seus modos, já é prioritária*”.

Por fim, deve-se compreender que há um critério existencial, que é individual e próprio de cada homem, que dá a verdadeira passagem de *intencionalidade* da qual o indivíduo extrai o melhor de si. A educação, portanto, deve observar a existência dessa *especificidade* natural do jovem, deve buscar, acima de tudo, colher e desenvolver esse *íntimo* potencial. Com isso, existe a plenitude do existir para aqueles que colhem o seu real. É, efetivamente, uma construção, de si mesmo, eterna e em contínua observância do íntimo.

REFERÊNCIAS

ABO. **Cultura e Educação**. Uma nova pedagogia para a sociedade futura. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015.

HEIDEGGER, Martin. Tradução de Rubens Eduardo Frias. Carta Sobre o Humanismo. São Paulo/SP: Editora Centauro, 2005.

HEIDEGGER, Martin. Tradução de Sérgio Mario Wrublevski. **Martin Heidegger. Parmênides**. Bragança Paulista/SP: Editora Vozes, 2008.

JAEGGER, Werner. **Paideia. A formação do homem grego**. São Paulo/SP: Editora WMF Martins Fontes LTDA, 2013.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à História da Filosofia**. Dos pré-Socráticos a Wittgenstein. Rio de Janeiro/RJ: Editora Zahar, 2015.

MENEGHETTI, Antonio. **Jovens e a Ética Ôntica**. São João do Polesine/RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.

PURSHOUSE, Luke. **A República de Platão**. São Paulo/SR: Editora Paulus, 2011.

ROMERO, Alexandre. **Platão - Apologia de Sócrates e Críton**. São Paulo/SP: Hunter Books Editora, 2014.

SPINELLI, Miguel. **Filósofos Pré-Socráticos**. Primeiros Mestres da Filosofia e da Ciência Grega. 3ª Edição. Porto Alegre/SP: Editora EdiPUCRS, 2012.

VIDOR, Alécio. **Filosofia Pura**. A atividade psíquica deve manter-se em nexos ontológico. São João do Polesine/RS: Editora Universitária, 2015.

ZIKA, Dimitrios. **Introdução à Filosofia Platônica**. Curitiba/PR: Editora Cyros LTDA, 1990.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-101-5

